

# O anjo Esmeralda

## Nove histórias

*Don DeLillo*

Traduzido do inglês por  
Paulo Faria

SEXTANTE EDITORA  
FICÇÃO



## Criação

Era uma hora de carro, a maior parte do trajeto a subir através de uma chuva impregnada de fumo. Eu mantive uma fresta da minha janela aberta, esperando sentir uma qualquer fragrância, um travo de arbustos aromáticos. O nosso motorista abrandava nos troços em que a estrada era pior e nas curvas mais apertadas e quando surgiam carros lançados ao nosso encontro através da bruma. A espaços, a vegetação da berma tornava-se menos densa, e avistávamos então extensões de selva pura, vales inteiros a derramar-se entre os montes.

Jill ia lendo o seu livro acerca dos Rockefellers. Assim que se embrenhava numa tarefa, tornava-se inacessível, dir-se-ia atordoada por uma poderosa descarga elétrica, e, ao longo de todo o percurso, vi-a erguer os olhos da página somente uma vez, para lançar uma olhadela fugaz a uns garotos a brincar num campo.

Não havia muito trânsito em qualquer dos sentidos. Os carros que vinham na nossa direção surgiam abruptamente, pequenos desenhos animados coloridos, desengonçados e aos saltos, e Rupert, o nosso motorista, tinha de manobrar bruscamente sob a chuva compacta para se furtar a colisões e aos grandes lanhos na estrada e à própria selva que acometia as bermas. Parecia consensual que qualquer ação evasiva teria de ser levada a cabo pelo nosso veículo, o táxi.

A estrada entrou em terreno plano. De vez em quando, via-se alguém entre as árvores, a olhar para nós. O fumo descia em cascata das terras altas. O carro tornou a subir uma

encosta, fugazmente, e depois entrou no aeroporto, uma série de pequenos edifícios e uma pista de aterragem. A chuva cessou. Paguei a Rupert e carregámos a bagagem para dentro do terminal. Ele deixou-se ficar no exterior, junto de outros homens de camisas desportivas, a conversar sob o clarão repentino do sol.

A sala estava cheia de gente, bagagem e caixotes. Jill sentou-se em cima da mala, a ler, com o resto da nossa bagagem de mão e os grandes sacos de tecido dispostos em volta dela. Abri caminho aos empurrões até junto do balcão e descobri que estávamos em lista de espera, números cinco e seis. Isto trouxe-me ao rosto uma expressão pensativa. Disse ao homem que tínhamos feito a confirmação em St. Vincent. Ele disse-me que era necessário reconfirmar setenta e duas horas antes do voo. Eu expliquei-lhe que tínhamos estado a velejar; há setenta e duas horas, estávamos nas Tobago Cays – nem um edifício, nem um telefone, nem viva-vozes. Ele contrapôs que a regra era essa – reconfirmar. Mostrou-me onze nomes escritos numa folha de papel. A prova material. Nós éramos os números cinco e seis.

Fui ter com Jill para lhe explicar a situação. Ela deixou o corpo desfalecer para cima do amontoado de bagagem, um desmaio estilizado. Levou um certo tempo a concluir esta mímica. Em seguida, encetámos um diálogo formal. Ela apresentou todos os argumentos que eu próprio acabara de apresentar na conversa com o homem atrás do balcão. Voo confirmado em St. Vincent. Iate alugado. Ilhas desertas. E eu repeti tudo o que ele me dissera à laia de réplica. Ela interpretou o meu papel, usando outras palavras, e eu interpretei o dele, mas fi-lo num tom de voz bastante cordato, e acrescentei informações plausíveis, esperando apenas aplacar-lhe a exasperação. Também lhe recordei que haveria outro voo três horas depois daquele. Ainda chegaríamos a Barbados a tempo de dar um mergulho antes do jantar. E, em seguida, o ar estaria fresco e o céu estrelado. Ou o ar quente e o céu estrelado. E iríamos

ouvir as ondas a rumorejar ao longe. A costa leste era famosa pelo rumorejar das suas ondas. E, na tarde do dia seguinte, apanháramos o nosso avião para Nova Iorque, tal como programado, e nada se perderia, excetuando algumas horas neste pequeno aeroporto insular, tão genuíno.

– Tão neorromântico, e tão adequado a este dia. Estes aviões levam quantos passageiros, quarenta?

– Ah, mais – disse eu.

– Quantos mais?

– Levam mais, pronto.

– E qual é a nossa posição na lista?

– Quinto e sexto.

– Para além dos quarenta e tal.

– Há sempre imensa gente que não aparece – disse eu.

– A selva engole-os.

– Que disparate. Olha para estas pessoas. Não param de chegar.

– Alguns vieram despedir-se dos que partem.

– Se ele acredita nisto, meu Deus, não o quero do meu lado. A verdade é que eles nem deviam aqui estar. Estamos na época baixa.

– Alguns vivem aqui.

– E nós sabemos quais, não é verdade?

O avião chegou, vindo de Trindade, e o ruído e a visão do aparelho levaram as pessoas mais perto do balcão a comprimirem-se para se aproximarem mais. Eu contornei o grupo e acerquei-me por trás do balcão adjacente, onde várias outras pessoas se encontravam paradas. Os passageiros com bilhetes reconfirmados começaram a desfilar ao encontro do *guichet* da imigração.

Vozes. Uma mulher britânica disse que o voo do final da tarde fora cancelado. Todos nos comprimimos, tentando chegar à frente. Dois antilhanos que se encontravam na primeira fila agitaram os bilhetes diante do rosto do funcionário. Soaram mais vozes. Eu dei vários saltos, tentando olhar por cima

das cabeças das pessoas ali reunidas e ver a estrada de terra batida no exterior. Rupert ainda ali estava.

As coisas iam tomando forma rapidamente. Carga e bagagens a sair por uma porta, os passageiros por outra. Percebi que estávamos reduzidos a esperar por uma hipotética vaga. As pessoas que abandonavam o balcão pareciam impedidas por uma qualquer força salvífica profunda. Dir-se-ia que estava a decorrer um batismo primitivo. Nós, os restantes, aglomerámo-nos em volta do funcionário. Ele ia rabiscando um «visto» ao lado de alguns nomes, riscava outros.

– O voo está cheio – declarou. – O voo está cheio.

Restavam oito ou dez rostos, insípidos na sua angústia de viajantes. Falavam-se vários géneros de inglês. Alguém sugeriu juntarmo-nos todos e fretarmos um avião. Era uma prática bastante habitual naquelas paragens. Outra pessoa disse qualquer coisa acerca de um aparelho de nove lugares. A primeira pessoa anotou os nomes, depois afastou-se com várias outras, em busca do balcão da empresa de aluguer de aviões. Perguntei ao funcionário pelo voo do final da tarde. Ele não sabia porque é que fora cancelado. Pedi-lhe que marcasse lugar para Jill e para mim no primeiro voo do dia seguinte. A lista de passageiros não estava disponível, disse-me ele. Podia pôr-nos em lista de espera, apenas isso. Amanhã de manhã todos teríamos mais informação.

Usando somente os pés, Jill e eu empurrámos a nossa bagagem até à porta. Um dos interessados no aluguer do avião regressou para nos dizer que, ao final do dia, talvez houvesse um aparelho disponível – uma avioneta de seis lugares, somente. Isto parecia excluir-nos. Chamei Rupert com um gesto e começámos a carregar coisas porta fora, para o carro. Rupert tinha um rosto alongado e um hiato entre os dentes da frente e usava uma medalha de prata sobre o bolso da lapela – um enfeite oval arrebicado, preso a uma tira de pano multicolor.

Jill sentou-se no banco traseiro, a ler. Cá fora, junto ao porta-bagagens, Rupert estava a dizer que conhecia um hotel

não muito longe da enseada. O olhar dele desviava-se constantemente para a direita. Uma mulher encontrava-se a metro e meio de nós, muito quieta, à espera de que acabássemos de falar. Pareceu-me recordar tê-la visto na orla da multidão, dentro do terminal. Trazia um vestido cinzento e segurava na mão uma mala de senhora. A seus pés encontrava-se uma pequena mala de viagem.

– Por favor, o meu táxi foi-se embora – disse-me ela.

Era pálida, com um rosto macio e sem beleza, uma boca carnuda e cabelo castanho, curto. Mantinha a mão direita erguida, junto da testa, para evitar que o sol lhe batesse nos olhos. Combinámos partilhar o preço do táxi e regressar juntos na manhã seguinte. Ela disse que era o número sete.

Ao longo de todo o percurso, sob um céu sem nuvens, fez imenso calor. A mulher sentou-se no banco da frente com Rupert. De vez em quando, voltava-se para Jill e para mim e dizia: «É horrível, horrível, este sistema que eles usam aqui», ou então: «Nem entendo como é que eles sobrevivem economicamente», ou então: «Nem sequer me deram a garantia de poder partir amanhã.»

Quando parámos para deixar passar um rebanho de cabras, uma mulher surgiu do arvoredado para nos vender noz-moscada em saquinhos de plástico.

– E nós, qual é a nossa posição na lista? – perguntou Jill.

– Segundo e terceiro, desta vez.

– A que horas é o voo?

– Às seis e quarenta e cinco. Temos de lá estar às seis.

Rupert, temos de lá estar às seis.

– Eu levar vocês.

– Para onde estamos nós a ir agora? – perguntou Jill.

– Para o hotel.

– Eu sei que é para o hotel. Que género de hotel?

– Viste-me a dar saltos, lá no aeroporto?

– Não reparei nisso.

– Eu dei uns valentes saltos.